Imaginação e técnica: as potencialidades educativas ao narrar geografias literárias para crianças por meio de *podcasts*

Plínio Matheus Paiva Beserra[1]

Lorena Lopes Pereira Bonomo[2]

Carolina Magalhães Moreira[1]

Liliane Araújo de Freitas[1]

Tadeu Lima de Souza[1]

RESUMO

Considerando que ensinar e aprender implicam ações colaborativas, participativas e de construção coletiva, o presente artigo visa abordar o uso educacional de tecnologias, especificamente o *podcast*, como uma possibilidade de ferramental no ensino de Geografia para os anos iniciais, em associação com narrativas literárias. O referido estudo fora desenvolvido pelo grupo de extensão Ateliê de Geografia das Infâncias da Baixada Fluminense (CRIAS), sediado na Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, campus da UERJ em Duque de Caxias no Rio de Janeiro. Compreendendo que novas metodologias - como a adesão a novas tecnologias - são processos historicamente produzidos, apresentamos alguns dos referenciais, ainda recentes, dentro e fora do Brasil, acerca da tecnologia "*Podcast*" como uma possibilidade teórico-metodológica para prática de ensino em geografia. No horizonte dessa experiência defendemos que, em associação a literatura infanto-juvenil, tal ferramenta possa nos servir de caminho a construção de experiências geográficas significativas para nossos discentes. Nas seções seguintes, apresentamos parte de nossas experiências com a produção de episódios em formato *Podcast*, desde sua concepção à realização final. Dentre nosso acervo, selecionamos para análise as histórias *O Menino que Colecionava Lugares,* com autoria de de Jader Janer Moreira Lopes e *Abrapracabra!*, obra de Fernando Vilela. Tais histórias narradas por membras do CRIAS são acompanhadas de planejamento de atividades correlatas. Tais propostas se colocam como compartilhamento de subsídios teórico-práticos aos docentes com a intencionalidade de destacar a centralidade de provocar a imaginação e dialogar com o pensamento espacial desde o início da vida escolar.

Palavras-chave: Geografia das infâncias. Ensino de Geografia. *Podcasts*

---

[1] Estudantes de Geografia da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense / Universidade do Estado do Rio de Janeiro;

[2] Doutora em Educação Pela UFF, Professora do curso de Geografia da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense / Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

1. Introdução

> Como exigir de um viajante que parte para dar a volta ao mundo uma resenha de sua viagem, no momento em que estamos nos despedindo dele no porto de partida? A única coisa que podemos exigir dele é que saiba geografia e que leve uma bússola.
>
> Jorge Luís Borges

Desafiados pelo tempo e pelo espaço compartilhado com as infâncias e as juventudes nas escolas, têm sido frequentes as buscas de professores por alternativas metodológicas que respondam afirmativamente ao objetivo de construção de conhecimento histórico e culturalmente produzidos. Neste contexto, as tecnologias da educação se apresentam como suportes potenciais para equacionar situações que recorrentemente são apontadas como obstáculos às intencionalidades docentes, como o "desinteresse dos alunos", por exemplo.

Em função da crise sanitária, advinda da pandemia da Covid-19, no ano de 2020 foram impostas novas rotinas e limitações da nossa presença real nos espaços compartilhados, além de - para centenas de milhares de pessoas - a perda de familiares e amigos. O necessário isolamento social para contenção do avanço da letalidade da doença transformou a nossa relação com a tecnologia.

Compreendemos que às novas demandas educacionais – como a adesão às tecnologias - são processos socialmente construídos, contingentes a tempos e espaços específicos, e que, por si, não tem condições de responder a todas as problemáticas da docência e das contradições sala de aula. Portanto, recusamos o fetiche com o qual se estabelecem algumas concepções excessivamente simplistas no trato com as tecnologias e inferimos que junto as problematizações das práticas educacionais sejam associados princípios educativos - alimentados por pesquisas como estas - que, munidos de criticidade e aprofundamentos teóricos, possam colaborar nas práticas docentes. Não na perspectiva de pura superação do antigo, mas de diversificação do atual, tornando emancipador o uso de ferramentas digitais, que não necessariamente o são a priori.

Desse modo, o objetivo do presente artigo é refletir sobre as potencialidades da técnica dos *podcasts* para os imaginários infantis e para o despertar da curiosidade das crianças quanto as espacialidades, além de compartilhar parte de nossas experiências, enquanto grupo de

extensão, na produção dessas ferramentas com temática literária, voltadas ao ensino de geografia nos anos iniciais.

Tal iniciativa encontra-se em andamento (ao longo do ano de 2020) e é realizada pelo grupo de extensão: Ateliê de Geografia das Infâncias da Baixada Fluminense (CRIAS), grupo sediado na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, no campus Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, na cidade de Duque de Caxias, Rio de Janeiro e fora idealizado e é atualmente coordenado pela professora Lorena Bonomo.

O CRIAS norteia-se por uma tríade: experiências, narrativas e infâncias, como direcionamentos teórico-metodológicos no âmbito de uma geografia que combine as experiências vividas pelas crianças ao referencial científico que temos em nosso campo, a geografia. Bem como que atenda a necessidade de ludicidade do ensino infantil, em um movimento dialógico, dialético, sensível e ético com os sujeitos inseridos no processo.

Chegamos, portanto, nesse artigo, às infâncias através de narrativas literárias - especialmente "*O menino que colecionava lugares*" (obra de Jader Janer, com ilustrações de Ródi Núñes) e "*Abrapracabra!*" (obra de Fernando Vilela) - realizadas pela mediação de *podcasts* postados em um canal do grupo de extensão. Buscamos, complementarmente, oferecer propostas de utilização dessa ferramenta pelos docentes, voltadas a atividades criadoras, que possibilitem a evocação do imaginário infantil para explorar as geografias cotidianas e escolares.

Para Walter Benjamin, uma fonte que muito nos inspira, "não se trata de apresentar as obras literárias no contexto de seu tempo, mas de apresentar, no tempo em que elas nasceram, o tempo que as revela e conhece: o nosso" (BENJAMIN, 1931, p.187). Ou seja, inventando espaços de liberdade e experimentação, atualizando no espaço tempo presente e vendo nascer perguntas geográficas.

Na próxima seção, buscamos o exercício de referenciar e contextualizar os usos de *podcasts* na interface com a educação, e de seus usos nos contextos de ensino que vivenciamos no Brasil em tempos de Pandemia, fazendo desse caminho nossa bússola, tal qual Jorge Luis Borges nos provoca.

2. Embasamento Teórico

O termo "*podcasting*", segundo Moura e Carvalho (2006) deriva da união entre o nome do equipamento de reprodução de mídias áudio-digitais iPod e do termo "*broadcasting*",

vocábulo de origem inglesa que se refere a comunicação e difusão de informações em múltiplos meios de comunicação. A técnica diferencia-se por permitir de modo acessível e prático a produção, a edição e a divulgação em tempo ágil de conteúdo digital para diversos segmentos.

Contudo, as mesmas autoras apontam que inovações tecnológicas não significam, necessariamente, inovações pedagógicas. A evolução nos mecanismos técnicos de ensino devem servir em associação e de apoio a formas tradicionais de educação, mas também podem transformar a aprendizagem, pois a dinamicidade e flexibilidade das práticas ao mesmo tempo em que oferecem caminhos virtuais aos modos de ensinar, demandam tratamento e embasamento oriundo de fontes confiáveis e reflexões profundas acerca do trato educativo. Ou seja, "a flexibilidade espacial e temporal, a nível da gestão individual dos momentos e espaços de aprendizagem, é um dos contributos que o *podcast* vem trazer ao cenário educativo". (MOURA E CARVALHO, 2006, p. 156)

Nessa relação entre o velho e o novo, o tradicional e o moderno, aparece uma primeira (falsa) dicotomia que demanda desconstrução, a de que a obsolescência de mecanismos tradicionais de ensino é dada, e que a novidade decorrente de sofisticações teórico-práticas é aprioristicamente virtuosa. Não nos dois casos, pois é necessário um equilíbrio entre as tradicionais ferramentas de ensino, como a palavra escrita, mapas manuais, globos terrestres artesanais e outros recursos que já fazem parte das salas de geografia, bem como a associação aos mecanismos novos que dispõem diversas possibilidades de uso.

Nessa linha, alguns pontos técnicos são levantados e oferecidos a reflexão por Franco (2008, p. 77 - 78), a autora discorre acerca das possibilidades de uso do *podcast*, e sobre estas, condensamos às seguintes virtualidades relativas ao recurso, apresentadas pela mesma: a) pluralidade de interfaces e possibilidades de utilização, pois a formatação dos *podcasts* possibilitam uso de diferentes mídias, como imagem, áudio e vídeo; b) em geral as plataformas são de fácil acesso e com utilização bastante intuitiva, além de gratuitas em alguns casos (ainda que com limitações de suas funções) e mesmo em casos de desconhecimento, a própria internet dispõem meios para que se verse na utilização, como o *youtube*; c) o acesso ao *podcast* é possibilitado de modo acessível pela internet ou pelo descarregamento de episódios para um aparelho de reprodução digital como iPod e reprodutores de arquivos no formato .mp3; d) criação colaborativa em geral, que fomenta o trabalho em equipe.

Beraldi e Ferraz (2012, pg. 188 - 189) atentam a fatores condicionantes para e na implementação do recurso *podcast*, - mas que podemos também estender a materiais digitais gerais no ensino básico -, que são os seguintes: a) professores dos anos iniciais (segmento

estudado por eles) são polivalentes e portanto não detém formação específica na área; b) os conhecimentos geográficos necessitam relacionar-se às demais práticas alfabetizadoras, pois; c) nos anos iniciais os conteúdos geográficos são reduzidos, por se dar maior enfoque em processos de alfabetização (em letras) e matemáticos.

Ressaltamos que tais autores (e os próprios afirmam) não defendem um "corporativismo", no qual os conteúdos de geografia devam ser ensinados apenas por professores de geografia, mas, isto sim, os autores propõem o diálogo entre o ensino de geografia com a literatura da língua materna. Por crerem ser pertinente e valorosa como estratégia pedagógica e historicamente presente na literatura geográfica como um recurso estilístico e analítico para fenômenos geográficos.

> Neste contexto, passamos a perscrutar a importância e a pertinência de agenciar a linguagem artística da literatura com a científica da Geografia, notadamente, no nosso caso, no interior de um ciclo escolar em que tanto os alunos quanto a maioria dos professores não são geógrafos de formação. Diante disso, perguntamos quais seriam às contribuições e o que tem sido produzido neste sentido no cenário nacional. (BERALDI E FERRAZ, 2012, p. 189)

Ressaltando ainda a potencialidade, nesse segmento da escolaridade, para a desejada interdisciplinaridade, e respaldando-se nos PCN's que incentivam a utilização de referências literárias em aulas, Beraldi e Ferraz colocam a relação entre a Geografia e a Literatura. Envolvendo um pressuposto de potencialidade entre a perspectiva geográfica somada aos referenciais da linguagem, conduzindo à reflexão de categorias e conceitos fundamentais as formas de ver geograficamente o espaço, muito especialmente a partir das vivências. Ressalta-se a necessidade de que sejam apoiada nos jogos de escalas, construindo uma geografia plural e crítica, em detrimento do tradicionalismo que acomete a história de nossa disciplina, envolta em descritivismo de uma realidade concebida como estanque, numa lógica fragmentada.

Ainda sobre o tema, Beraldi (2010) atenta para que, o papel da literatura no desenvolvimento infantil é a representação de realidades outras a experimentada pela criança, isto é, uma forma de mediação entre realidades distintas do entorno do sujeito. Realidades concretas, porém tão distantes, quanto fantásticas, lúdicas e representativas que permitam a atribuição de valores novos a sua existência.

Assim, a literatura traz para o aprendiz uma matéria-prima a partir da qual ele possa expandir seus horizontes. Nesse sentido, temos sempre a ressalva epistemológica que nos é oferecida por Pereira (2003), de que o mundo não aparece dividido em nossos olhares, ele aparece como uma unidade, a divisão em lentes de análise (campos científicos) são abstrações

mentais, pois a realidade é apenas uma, da qual selecionam-se objetos a serem interpretados de acordos com métodos e orientações científicas particulares, dentre estas, a geográfica.

Essa combinação possível, entre as narrativas trazidas da tradição literária, fornecedora de estímulos diversos aos sentidos das crianças e ao seu pensar espacial, advindas da sensibilização e também ao estudo da disciplina, aparecem nos trabalhos de nossos pares, bem como no nosso, como uma proposta teórico-metodológica para a conciliação da oferta de experiências significantes, que são oferecidas aos sujeitos em diversas interfaces sensoriais (visual, tátil, olfativa etc.) e os significados construídos socialmente e mediados por meio de diferentes tipos de linguagens, como a cartografia, escrita, digitais etc. (CASTELLAR, 2005).

Nesse sentido, a literatura traz consigo as mazelas, dores, alegrias e prazeres humanos, fenômenos sensíveis da experiência humana, histórica e geograficamente situados. É neste ponto em que propomos o artifício *podcast*, como uma alternativa metodológica que faça ponte com as temáticas literárias na construção de sentidos aos elementos apreendidos do espaço e que, portanto, signifique o espaço vivido pelos sujeitos infantis.

3. As Geografias Literárias em podcasts no contexto do CRIAS.

O CRIAS, como dito na introdução deste trabalho, é um grupo de pesquisa e extensão que se debruça sobre o tema da Geografia das Infâncias. Criado em 2017, o grupo é coordenado pela professora Lorena Bonomo e reúne estudantes bolsistas e voluntários na Faculdade de Educação da Baixada Fluminense - FEBF/UERJ. Os encontros servem para estudo e partilha, mas também para criação de experimentos lúdicos que dialoguem com temas da alfabetização geográfica e de leitura de mundo: jogos, dinâmicas, diferentes propostas de atividades lúdicas. Aqui a dimensão de "ateliê", do fazer, do criar, é uma prática constante e a CRIAtividade está em nossa raiz. Até o início de 2020 o grupo se reuniu presencial e regularmente.

A pandemia impôs o distanciamento e o mundo virtual atravessou nossas vidas. Como tantos professores e professoras da educação básica, o grupo se sentiu desafiado a seguir criando e produzindo, adaptando-se às possibilidades e necessidades do atual momento. Na medida em que o grupo se ajustava às conexões e encontros digitais, ia também sentindo a necessidade de estar presente na internet: foram então criados perfis nas redes sociais (e lá uma agenda de *lives* mensais) e o um blog onde reuniu-se informações diversas sobre a atuação do Ateliê (www.ateliegeoinfancias.wordpress.com). Existindo no mundo digital, veio o segundo desafio ao grupo: desenvolver algum tipo de conteúdo que pudesse auxiliar ou inspirar outros professores em suas práticas durante o isolamento social e posteriormente.

Figura 1 - Projeto Geografias Literárias em *podcasts*

Fonte: <https://ateliegeoinfancias.wordpress.com/>. Acesso em 14 nov. 2020

Entre os formatos possíveis que se apresentavam para criação de conteúdo e atividades, o de *podcast* foi o que primeiro despertou o interesse de experimentação entre os integrantes do grupo. Assim nasceu a série "Geografias Literárias" onde integrantes do CRIAS - Ateliê de Geografia das Infâncias da Baixada Fluminense fazem a contação de histórias infantis cujo conteúdo abordado pode ser relacionado aos temas que são caros à geografia e à alfabetização geográfica e leitura de mundo.

Os episódios da série "Geografias Literárias" estão disponíveis em aplicativos de música para o celular e na Internet. Até o momento mais de 13 histórias fazem parte do acervo e o CRIAS segue produzindo novos episódios pelo menos até o fim deste semestre letivo. No blog do CRIAS é possível encontrar uma seção com todo o acervo de episódios e também, para cada um deles, uma proposta de atividade pensada para apoiar o professor na utilização do conteúdo no contexto de ensino-aprendizagem, durante ou mesmo após a pandemia. De acordo com as estatísticas do perfil de administrador do canal do CRIAS, aferidas em 20 de outubro de 2020, desde Julho - quando lançamos o primeiro episódio "O menino que colecionava lugares", de Jader Janer - as histórias foram reproduzidas 213 vezes (algumas mais, outras menos), por uma audiência com idade entre 23 e 44 anos, sendo a maioria (67%) do público feminino. Mais da metade dos acessos, ainda segundo as estatísticas do canal, tem origem no Brasil. Estados

Unidos, Alemanha e Irlanda também aparecem na lista de países de onde se reproduziu o conteúdo.

Em função do isolamento social, todo processo de gravação das histórias se deu de maneira remota. As histórias foram selecionadas a partir de memórias afetivas dos participantes e de uma pesquisa ativa por narrativas que exploram/revelam/destacam a diversidade e as perspectivas da infância. Cada integrante do grupo baixou no celular um aplicativo gratuito para criação de podcast (**Anchor.fm**) onde foi criada uma conta e perfil para o Ateliê. A escolha do aplicativo se deu a partir de uma pesquisa de ferramentas gratuitas para experimentação da linguagem.

O *app Anchor.fm* tem o seguinte slogan: "O caminho mais fácil para fazer um podcast.". E é uma interface realmente muito simples de utilizar e bastante intuitiva. Não é necessário nada além de um aparelho celular e conexão à Internet. Para a finalização da gravação, o próprio aplicativo oferece opções de trilhas sonora e efeitos, redutor de ruídos, além de gerenciar o compartilhamento do conteúdo em diversas outras plataformas. O conteúdo compartilhado através da conta do Ateliê no aplicativo *Anchor* é também automaticamente publicado em outros aplicativos de música online, como o popular *Spotify*, o *Overcast*, o *Google Podcasts,* entre outros. Em todas as plataformas, basta buscar por "CRIAS - UERJ/FEBF" para encontrar o canal com o conteúdo.

Dessa forma, na próxima seção, apresentamos a forma como podemos trabalhar as histórias "O menino que colecionava lugares" e "Abrapracabra! com p*odcasts* e as propostas de atividade para docentes que o CRIAS disponibilizou.

4. "O menino que colecionava lugares" e "Abrapracabra!" - Imaginação e memória com/nos/dos lugares

Entre os episódios disponíveis, selecionamos dois para um maior aprofundamento do trabalho realizado. O primeiro deles é "O menino que colecionava lugares", de Jader Janer, que é também professor universitário interessado no campo da Geografia da Infância e importante referência em nossas pesquisas. O episódio que conta a história de uma criança que reúne suas experiências com os lugares vividos, evidenciando como ela vai ludicamente produzindo e entendendo os espaços nesse movimento, foi também o primeiro episódio da série de *podcasts* e tem o texto narrado pela professora Lorena Bonomo. O outro episódio sob o qual queremos jogar luz com este trabalho é "Abrapracabra!", do autor Fernando Vilela, que teve narração de

Carolina Magalhães e conta uma história de uma pequena cabra que embarca em uma viagem por diferentes lugares do mundo.

Além dos episódios disponíveis para ouvir, os integrantes do CRIAS produziram também propostas de atividades para cada uma das histórias narradas. A atividade proposta para a história "O menino que colecionava lugares" tem por justificativa que a sensibilização para a geografia enquanto uma ciência que se ocupa das espacialidades, da diversidade de paisagens, da relação sociedade e natureza deve acontecer desde as primeiras experiências escolares. Da mesma maneira que a própria consideração de que as crianças são sujeitos históricos e também geográficos, produzindo e sendo produzidas pelas práticas socioespaciais, pelos lugares.

A proposta de atividade apresentada sugere a escuta do *podcast* pelas crianças seguida de uma roda de conversa onde elas possam dialogar e debater as impressões sobre a experiência do menino. Quais seriam esses lugares? O que podemos fazer para lembrar dos lugares que conhecemos? E para conhecer outros lugares mesmo sem ter visitado? Após as perguntas geradoras pode-se recorrer às experiências individuais das crianças sobre seus lugares de vivência. Pedir que tragam um objeto que se relacione a alguma experiência vivida em algum lugar e que relatem sua importância. Um pequeno texto narrado e redigido pelas crianças a cada objeto traduzido e a montagem de uma pequena exposição na sala (ou virtual, no contexto do isolamento social). Como continuidade propõem-se ainda realizar uma tentativa de localização dos lugares que as crianças narraram, observando-se qual o melhor critério para a abordagem e mapeamento. Explorando a imaginação e recorrendo a faculdade da memória infantil pode-se realizar atividades diversificadas visando ressaltar o encantamento que as paisagens e os afetos que os lugares diversos podem provocar e a importância de conhecer histórias e processos de outros lugares, dos lugares dos outros.

A escolha da história "Abrapracabra!", se deu pelo fato da mesma ser bastante objetiva, lúdica, engraçada e de fácil compreensão, além de ter a possibilidade de abordar a interdisciplinaridade. Ademais, a história leva ao estudante conhecer lugares diferentes e suas características, percebendo que cada um tem suas especificidades. Como proposta de atividade sugere-se provocar que os estudantes pesquisem aspectos culturais, sociais, de alimentação, entre outras curiosidades sobre os diferentes lugares onde cada personagem visitado pela cabra morava. Com o auxílio do professor os estudantes serão convidados a explorar o mapa múndi, devendo ainda escolher um meio de transporte para viajar para o local pesquisado, preparando um roteiro para tal viagem.

Assim, tanto a busca pelo sentido de ouvir, quanto pela imaginação, pela memória, essas como funções psíquicas superiores, nos colocam a tecnologia dos *podcasts* como um dispositivo que alia magia e técnica, que, nas intencionalidades docentes podem provocar nas crianças o desejo de pensar pelo espaço, criando formas de narrar, de ver, de ouvir geograficamente. Criando! Criando modos associativos de pensar o mundo, situados no tempo e no espaço, habitando uma geografia significativa, atenta ao desenvolvimento humano pleno, e voltada a formação do ser social.

5. Considerações finais

Nossa produção de *podcasts* atravessa a vivência no projeto como um meio e não um fim. Desse modo, pretende abarcar tecnologicamente a utilização de histórias voltadas a segmentos de anos iniciais como já explicitado, e que detenham caráter geográfico em seus conteúdos, algo que seja promotor de uma interface entre a experimentação imaginativa de realidades diversificadas, que aguçem as faculdades interpretativas dos sujeitos que se valham de nossas produções. Embora nosso trabalho se detenha ao ensino de Geografia - ainda que reconhecidamente realize também uma tarefa interdisciplinar como indicado neste artigo - ressaltamos a possibilidade do uso da ferramenta em quaisquer disciplinas e nos mais diversos segmentos etários.

Ainda assim, cabe ressaltar que defendemos vigorosamente o lugar - tão ameaçado de esvaziamento na atualidade - que o ensino de Geografia ocupa nos currículos escolares, pois compreendemos que pensar espacialmente, e raciocinar geograficamente a partir da relação dialógica entre estudantes e professores permeados pela produção de conhecimento geográfico, compõe a formação do sujeito social crítico, que de modo emancipatório se coloca como sujeito no mundo, e que percebe as relações de produção dos espaços para além das experiências imediatas.

Ao se colocar como um grupo de extensão universitária, onde experimentamos, criamos e nos organizamos para estar fora dos muros da universidade com atividades extensionistas, evidenciada neste artigo pela produção de *podcasts*, o CRIAS se inventa como uma forma de ser Universidade Pública a serviço da sociedade. Nesse movimento é imperativo deslocamos nosso olhar para as emergências que se colocam no nosso campo de estudo e pesquisa - a geografia escolar - atentos às políticas educacionais, e colaborar ativamente com os sujeitos envolvidos, notadamente os professores da Educação Básica. A relação Universidade-Escola

encontra nessa iniciativa, a nosso ver, a perspectiva de horizontalidade desejada, ambas vistas como produtoras de saberes.

Ao longo deste artigo, buscamos apontar que os tempos atuais demandam de nossa prática docente e do nosso arcabouço teórico-metodológico, a reflexão e pesquisa para enfrentarmos os desafios desses momentos e suas especificidades históricas. Consideramos a importância de colaborar na busca por formas diversas, em meio a pandemia do Coronavírus, para subsidiar professoras e professores atravessados pelas mediações tecnológicas. Nesse contexto, reconhecemos potencialidades do uso de *podcasts* com indicação de atividades que permitam a sensibilização para os sentidos da geografia que ensinamos, a provocação para as leituras de mundo articuladas à formulação de conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais, respondendo a tarefa de transformação do mundo.

Referências Bibliográficas

BENJAMIN, W. O caráter destrutivo. In: BENJAMIN, Walter. **Documentos de cultura, documentos de barbárie: escritos escolhidos**. Seleção e apresentação Willi Bolle. Trad. Celeste H. M. Ribeiro de Sousa et al. São Paulo: Cultrix/Universidade de São Paulo, 1986 (1931).

BERALDI, F ; FERRAZ, C. **Diálogo necessário entre a geografia e a literatura infantil nas séries iniciais do ensino fundamental. Pra Onde!?** Vol 6. N 2, p. 188-196, jul/dez. 2012

BERALDI, F. **Geografia e literatura infantil: a construção da linguagem geográfica através de textos literários nas séries iniciais do ensino fundamental**. In: Semana de Geografia 12, 2011, Presidente Prudente: UNESP, 2011. p. 1-11. Disponível em: <http://www2.fct.unesp.br/semanas/geografia/2011/ensinodegeografiaeepistemologia/TCEG01%20-%20Francielle%20Bonfim%20Beraldi.pdf. Acesso em: 05/10/2020>. Acesso em Out 2020.

CASTELLAR, S. **Educação geográfica: a psicogenética e o conhecimento escolar**. Cad. Cedes, Campinas, vol. 25, n. 66, p. 209-225, maio/ago. 2005 209 Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em Set 2020.

FRANCO, Carolina Machado dos Santos de Sousa. **As possibilidades do Podcast como ferramenta midiática na educação**. 2008. 120 f. Dissertação (Mestrado em Educação, Arte e História) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2008

LOPES, J. **O menino que colecionava lugares**. 2.ed. Porto Alegre: Editora Mediação, 2016.

MARTINS, R. **O uso da literatura infantil no ensino de Geografia nos anos iniciais**. Revista Geo UERJ, Rio de Janeiro, n. 27, p. 64-79, 2015.

MOURA, A. & CARVALHO, A. (2006). **Podcast: uma ferramenta para usar dentro e fora da sala de aula**. In Rui José & C. Baquero, (eds), Conference on Mobile and Ubiquitous Systems (CSMU 2006)(pp. 155-158). Universidade do Minho: Braga.

PEREIRA, D. **Paisagens, lugares e espaços: a geografia no ensino básico**. Boletim Paulista de Geografia, São Paulo, n 79, p. 9 - 21, jul. 2003.

VILELA, F. **Abrapracabra!.** São Paulo. Ed. Brinque-book, 2012.

Recebido em DEZEMBRO 2020

Aprovado em DEZEMBRO 2020